

Resumo

A pandemia de Covid-19 provocou interrupções abruptas nas cadeias de abastecimento globais e uma redução severa da procura, com efeitos heterogêneos entre setores e empresas. Efetivamente, quer a diminuição da procura, quer as perturbações na oferta motivadas pelos sucessivos *lockdowns* não afetaram todos os setores da mesma forma. Por outro lado, as empresas diferem entre si em termos de dimensão, idade e estrutura financeira, que resultam em diferenças na capacidade de adaptação e resposta aos choques da procura e da oferta.

Neste contexto, o presente trabalho teve como objetivo principal analisar o crescimento das PMEs da indústria transformadora, em Portugal, entre 2019-2020. Tendo em conta o caráter multidimensional do crescimento das empresas, foram consideradas três medidas alternativas: (i) crescimento das vendas, (ii) do ativo total e (iii) do emprego. As variáveis de interesse incluem a dimensão, a idade, a liquidez e o endividamento. As variáveis de controlo consistem na produtividade e nas variáveis *dummy* de setor e de região.

O estudo adotou uma metodologia quantitativa baseada na análise de dados secundários provenientes da base de dados Orbis Europe. A amostra é composta por 4.364 PMEs, excluindo as microempresas.

A análise descritiva mostrou que as empresas diminuíram as vendas, em contraste com o ativo que cresceu, e com o emprego, que se manteve. A nível setorial, a indústria farmacêutica registou os maiores crescimentos, enquanto a indústria gráfica apresentou as maiores reduções. Adicionalmente, verificou-se que as mais jovens e médias empresas demonstraram maior crescimento face às maduras e pequenas empresas.

Os resultados preliminares da análise econométrica permitiram identificar um efeito negativo e estatisticamente significativo, tanto da dimensão como da idade, qualquer que seja o indicador utilizado. As pequenas empresas (em comparação com as médias empresas) diminuíram mais nas vendas e cresceram menos no ativo e no emprego, contrariando a expectativa de que a experiência traria vantagens, os resultados sugeriram que as empresas mais maduras sofreram maior contração, especialmente ao nível do ativo total, em que se verificou um impacto mais robusto. Em contraste, as empresas mais jovens revelaram-se mais dinâmicas no contexto da crise económica.

A liquidez não se revelou estatisticamente significativa, indicando que a disponibilidade de caixa em 2019 não foi um fator determinante para o crescimento entre 2019 e 2020. Quanto ao endividamento total, o seu efeito não se mostrou homogêneo entre as três medidas de crescimento: encontrou-se um efeito positivo e significativo no crescimento das vendas, sugerindo que o acesso a capital alheio suportou a atividade. No entanto, quando se considera o crescimento de emprego apresentou um coeficiente positivo, mas apenas marginalmente significativo e, para o crescimento do ativo total, o coeficiente estimado não é estatisticamente significativo. Em suma, não foi encontrada evidência de que diferenças no crescimento entre empresas sejam explicadas por diferenças na sua estrutura financeira, verificando-se apenas um efeito pontual do endividamento em relação às vendas, quando controlamos para diferenças na produtividade e para as características não observadas entre setores e região.

Palavras-chave: crescimento, indústria transformadora, liquidez, endividamento, crise pandêmica